

1964 - O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história

1964 - O Brasil entre armas e livros: denial and
revisionism of the history

1964 - Brasil entre armas y libros: negacionismo y
revisionismo de la historia

Mg. José Alexandre da Silva

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Email: alexandre875@hotmail.com

ORCID [0000-0003-0913-4534](https://orcid.org/0000-0003-0913-4534)

Dr. Roger D. Colacios

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Email: rdcolacios@uem.br

ORCID [0000-0003-2261-3695](https://orcid.org/0000-0003-2261-3695)

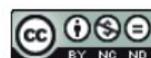
Recibido: 13 de enero de 2022

Aceptado: 28 de julio de 2022

Publicado: 15 de mayo de 2023

Artículo científico. O artigo tem como motivação as discussões relacionadas à pesquisa de doutorado: “2016 - história política documentada: as divergências na produção fílmica brasileira no processo de destituição de Dilma Rousseff” no âmbito do Programa de Pós-graduação em História (PPH) da Universidade Estadual de Maringá em trabalho conjunto com o Roger Domenech Colacios.

Cómo citar: da Silva, J.A, y R.D. Colacios. «1964 - O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história». Revista de Historia Social y de las Mentalidades, vol. 27, no. 1, 2023, pp. 122-159, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i1.5349>.



Resumo. Este artigo tem como objetivo analisar o documentário *1964: o Brasil entre armas e livros* produzido pela empresa Brasil Paralelo. Este filme apresenta ao público uma proposta revisionista para o período histórico da Ditadura Militar Brasileira, a partir de leituras da chamada extrema-direita, centrada na figura de Olavo de Carvalho. O documentário se baseia em outras interpretações de fatos históricos e análises contrafactuais, buscando enfatizar a suposta ameaça comunista que assombrou o Estado nacional ao longo do século XX até os dias atuais. Os responsáveis pelo documentário não são historiadores ou especialistas em qualquer aspecto da pesquisa histórica, mas baseiam suas declarações e argumentos em depoimentos e entrevistas com ex-guerrilheiros, intelectuais de direita e outros. Utilizando uma perspectiva histórica tradicional, o documentário enfatiza noções superficiais e problemáticas da história, com erros grotescos e outros mais sutis. A análise aqui proposta faz a discussão a partir da relação entre história, revisionismo histórico e negação, além de análises sobre o formato documental. Como resultado, a intenção aqui é destacar as formas como o revisionismo histórico e a negação estão sendo apresentados hoje pela extrema-direita nas redes sociais.

Palavras-chave: História do Brasil; Revisionismo; Brasil Paralelo; Ditadura Militar; Cinema Documentário

Abstract. This article aims to analyze the documentary *1964: o Brasil entre armas e livros* produced by the Brasil Paralelo company. This movie presents to the public a revisionistic proposal for the historic period of Brazilian Military Dictatorship, based on readings from the so-called extreme right, centered on the figure of Olavo de Carvalho. The documentary is based on other interpretations of historical facts and counterfactual analyses, seeking to emphasize the supposed communist threat that haunted the national state throughout the 20th century until the present day. Those responsible for the documentary are not historians or specialists in any aspect of historical research, but they base their statements and arguments on testimonies and interviews with former guerrillas, right-wing intellectuals and others. Using a traditional historical perspective, the documentary emphasizes superficial and problematic notions of history, with grotesque errors and more subtle ones. The analysis proposed here makes the discussion based on the relationship between history, historical revisionism and denial, as well as analyzes the documentary format. As a result, the intention here is to highlight how historical revisionism and denial are being presented today by the extreme right in social media and using movies with easy access.

Keywords: History of Brazil; Revisionism; Brasil Paralelo; Military Dictatorship; Documentary

Resumen. Este artículo tiene como objetivo analizar el documental *1964: Brasil entre fusiles y libros*, producido por Brasil Paralelo. Esta película presenta al público una propuesta revisionista del período histórico de la Dictadura Militar Brasileña, a partir de lecturas de la llamada extrema derecha, centradas en la figura de Olavo de Carvalho. El documen-

tal se basa en otras interpretaciones de los hechos históricos y en el análisis contrafáctico, buscando enfatizar la supuesta amenaza comunista que persiguió al Estado nacional a lo largo del siglo XX hasta nuestros días. Los responsables del documental no son historiadores ni especialistas en ningún aspecto de la investigación histórica, sino que basan sus afirmaciones y argumentos en declaraciones y entrevistas a exguerrilleros, intelectuales de derechas y otros. Utilizando una perspectiva histórica tradicional, el documental enfatiza nociones superficiales y problemáticas de la historia, con errores grotescos y otros más sutiles. El análisis que aquí se propone hace la discusión a partir de la relación entre historia, revisionismo histórico y negación, además de análisis sobre el formato documental. Como resultado, la intención aquí es destacar las formas en que el revisionismo histórico y la negación son presentados hoy por la extrema derecha en las redes sociales.

Palabras clave: Historia de Brasil; revisionismo; Brasil paralelo; dictadura militar; cine documental

1. Introdução

O objetivo deste artigo não será analisar todo conteúdo criado pela produtora “Brasil Paralelo” como um todo, mas apenas seu principal produto, o documentário 1964: *o Brasil entre armas e livros*, divulgado no canal de Youtube em 2019. Trata-se de compreender a tentativa da produtora em participar do debate político e da discussão histórica do Brasil. Junto a este documentário também analisamos duas entrevistas com os donos da produtora divulgando o filme, especificamente, as falas de Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem, em entrevista à Rádio Jovem Pan, e outra reportagem, somente com este último produtor, em para à Folha de São Paulo Brasil Paralelo (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”). Em termos teóricos-metodológicos, utilizaremos a perspectiva analítica de especialistas em documentários, tais como Villaça, Escorel, de historiadores como Fico (*Além do golpe*), Napolitano (“Historiografia”; “Nunca é cedo”; “Recordar é vencer”; “Desafios”), Motta (“História, Memória”), Capelato, Traverso, e críticos do movimento conservador brasileiro, como Rocha (*Guerra cultural*), já para as entrevistas com os integrantes da produtora, foi recorrido a ótica da análise de enunciação proposta por Bardin.¹

1 De acordo com essa proposta metodológica, no momento em que as palavras são enunciadas, ocorre um trabalho de elaboração de sentidos e de transformações nos discursos que permitem a percepção dos conflitos e investimentos internos dos sujeitos enunciantes com as imposições dos códigos da língua e com suas condições de produção (Bardin).

A escolha deste documentário se justifica por ser emblemático ao trazer temas e discussões sobre a história nacional que circulam atualmente na imprensa e em mídias sociais. A forma como foi produzido e difundido tem contribuído para uma espécie de revisionismo e mesmo negacionismo da história brasileira, especialmente sobre o período da Ditadura Civil-Militar entre os anos de 1964 a 1985. Os produtores tiveram a intenção de realizar um trabalho histórico, com clara intenção de disputa da memória histórica nacional utilizando como instrumento a revisão do passado, promovendo uma “nova interpretação” da história brasileira. Lançado em 2019, o documentário “1964: o Brasil entre armas e livros” ofereceria ao público uma análise alternativa do período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Utilizando-se de imagens, depoimentos de especialistas, entrevistas e uma maneira peculiar de interpretar os fatos, em realidade, o documentário oferece uma opção *sui generis* para a compreensão deste momento nacional. Os espectadores são levados a uma viagem histórica, permeada de acontecimentos, situações e agentes sociais, em um arroubo imaginativo eivado de considerações de cunho profundamente ideológico, além da superficialidade em termos de análise histórica. O documentário também denota uma aversão considerável a historiografia brasileira, uma forte deturpação dos processos políticos, econômicos, culturais e sociais desse período.

2. Brasil Paralelo, Conservadorismo e Revisionismo histórico

O documentário “1964: o Brasil entre armas e livros” foi feito pela produtora “Brasil Paralelo”² (LHT Higgs Produções Audiovisuais LTDA). Esta empresa veicula seus vídeos através das redes sociais, especialmente de seu canal no YouTube, desde 2016. Seu surgimento, com o Congresso Brasil Paralelo³ em 2016, está contextualizado no período do impeach-

2 A produtora foi fundada por Henrique Viana (fundador e diretor executivo da empresa), Filipe Valerim (fundador, aparece como rosto da empresa em chamadas publicitárias) e Lucas Ferrugem (também fundador da empresa, diretor e roteirista de 1964: o Brasil entre armas e livros).

3 O “Congresso Brasil Paralelo” se trata de uma série de seis documentários iniciais que procuram analisar as “raízes dos nossos problemas”. Existe uma preocupação com a didática, “passo a passo”. Simultaneamente, a empresa frisa a “complexidade do jogo político” como “estas ideias”, referentes a nossos problemas, se constituíram e como ganharam força no Brasil. Essa descrição circunscreve o trabalho da empresa ao princípio o qual o principal elemento de uma sociedade é sua cultura, e por ser assim, esse traço deve ser valorizado no culto aos grandes heróis e seus feitos. Nos termos de Viana, Valerim e Ferrugem, (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”), as esquerdas destruíram os heróis nacionais relativizando seus feitos, por exemplo, a princesa Isabel não teve importância na libertação dos escravos.

ment de Dilma Rousseff, momento sobre o qual a Brasil Paralelo tinha por objetivo propor uma reflexão sobre a origem daquela crise social e política, iniciadas com as jornadas de junho de 2013 e os grandes protestos de 2015. Faziam parte do caldo cultural daquele período o Movimento Brasil Livre (MBL) e a ascensão de políticos ultraconservadores como Jair Bolsonaro (Nicolazzi). A fonte de financiamento da Brasil Paralelo, conforme Dória Paulo, é proveniente da produção de filmes,⁴ além da venda de livros, gêneros de vestuário e cursos de aperfeiçoamento gerencial.⁵ Também promovem a curadoria de palestras e produção de material audiovisual, disponibilizados em plataformas digitais. O objetivo declarado da produtora é combater o que denomina de viés esquerdista predominante dentro das escolas e das universidades, sua atuação política está conectada com uma educação histórica com objetivo de substituir aquilo que consideram como ideologia da esquerda por uma proposta conservadora. Conforme a missão, descrita no perfil da rede social: “A Brasil Paralelo acredita que o Brasil vai dar certo. E por meio de nossas produções trabalhamos para fortalecer em nossa cultura os valores e tradições que, notoriamente, ao longo da história conduziram a humanidade à paz e prosperidade”. (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”).

O canal do Brasil Paralelo no YouTube comporta pelo menos uma centena de vídeos de teor parecido ao referido documentário, constituindo-se numa verdadeira miscelânea de assuntos. São vídeos que, em sua maioria, questionam uma postura acadêmica considerada por eles de deturpação da verdade histórica pela ideologia comunista devido a alta incidência do chamado “marxismo cultural” entre os intelectuais brasileiros. Portanto, caberia a eles, os produtores da “Brasil Paralelo”, apresentar ao público nacional uma outra interpretação de fatos da história

4 A maioria do conteúdo disponível pela Brasil Paralelo no Youtube é paga pelos seus assinantes, na forma de mensalidades, que permite adquirir conteúdos exclusivos. Devemos ressaltar, também que trata-se de uma prática comum no Youtube, presente na maioria dos canais com grande participação de inscritos. Vale mencionar que a produtora lança campanhas de financiamento: em 2016 a empresa anunciou a venda de 68 palestras por R\$360,00; em 2019 lançou o crowdfunding para a realização do projeto “Brasil: a última cruzada”, com a meta de atingir 2 milhões de reais para realização e distribuição gratuita do documentário em escolas, atingiram apenas R\$400.000,00 conforme a produtora suficientes para a feitura do filme. Mais informações em Dória Paulo.

5 Outra prática comum dos chamados “youtubers” que expandem o negócio dos vídeos para outras áreas comerciais, com produtos de marca própria ou em publicidade de marcas maiores.



política nacional e da história das ideias de pensadores de esquerda.⁶ No catálogo da produtora é possível encontrar títulos que trazem um conteúdo de revisionismo histórico,⁷ similares ao documentário foco desse artigo, ou então de cunho sociológico tais como: “Porque os professores gostam de Che Guevara”, “Porque Karl Marx estava errado” etc.⁸

A abrangência deste tipo de produção audiovisual é significativa. Os produtos da “Brasil Paralelo” atingiram mais de 115 milhões de visualizações em seu canal no Youtube, sendo que cada produto, individualmente, tem uma audiência que varia entre milhares e até milhões de acessos. Somente o documentário “1964: entre armas e livros” atingiu cerca de 9,3 milhões de visualizações, conforme os dados disponíveis no canal do YouTube.⁹ Isso por si só já demonstra a força desse tipo de mídia e conteúdo audiovisual.¹⁰ Pode denotar também a carência que o público brasileiro tem de documentários acessíveis e com certa qualidade, leia-se produzido por especialistas, sobre a história do país ou então com conteúdos sociológicos, culturais etc.

6 Deve-se deixar claro também, conforme Viana, Valerim, Ferrugem, que a Brasil Paralelo não é composta por historiadores, especialistas na pesquisa histórica, cientistas, politólogos, sociólogos ou algo similar, mas por jovens que seriam oriundos da região sul do Brasil e desistentes de cursos universitários em faculdades privadas, de áreas técnicas, como administração e marketing Brasil Paralelo (2019).

7 Autores que abordam a problemática dos revisionismos e negacionismos históricos, e suas consequências para a historiografia, são Capelato, Traverso e Motta (“História, Memória”). Já Napolitano (“O Brasil”) traz uma historização, a respeito das noções de revisionismo e negacionismo, na qual o seu marco fundante se encontra na segunda metade do século XX quando vieram à tona os relatos das vítimas do holocausto. Esse evento traumático exigiu dos pesquisadores um afastamento das fontes oficiais nazistas e uma aproximação do testemunho dos sobreviventes como meio de buscar a verdade. Somada a essa consciência do holocausto o autor elenca as lutas anticoloniais das décadas 1950-60 que deu à opinião pública internacional e aos sistemas universitários e escolares uma nova consciência sobre os massacres e genocídios decorridos na história. Entretanto, esse mesmo contexto também proporcionou vicejar os discursos negacionistas para os quais o holocausto é apenas uma versão da história contada pelos vencedores da Segunda Guerra.

8 Facilmente é possível perceber o caráter didático e qual o público-alvo desses vídeos. São produtos que visam uma compreensão fácil e superficial dos temas abordados, simplificando as ideias e argumentos permitindo a discussão de temas extremamente complexos para um público amplo, e o mais importante, divulgar a interpretação que quiserem sobre intelectuais, fatos e processos políticos.

9 Recentemente o Brasil Paralelo firmou acordo com entidade de representação social e disponibilizará seus vídeos para os habitantes de aproximadamente 300 favelas por todo Brasil, conforme (Kaner).

10 Ainda que a avaliação de acessos, como afirma (Escorel), seria mais precisa com a aferição da duração média de cada um, quantos foram feitos pelo mesmo dispositivo e quantas pessoas assistiram ao vídeo de uma vez.

Ainda de acordo com os sócios da produtora, a Brasil Paralelo tem o objetivo de intervir na formação histórica do máximo de pessoas que conseguirem atingir ou “impactar” (Rádio Jovem Pan). Embora reivindicuem objetividade em seus produtos, não seria exagero de nossa parte qualificar suas produções como narrativas de intervenção, no sentido de utilizá-las como ferramentas político-ideológicas capazes de influenciar concepções e memórias populares. Morettin et. al. utilizam a noção de “filme de intervenção” para analisar obras que pretendem intervir no rumo dos acontecimentos de processos em aberto, tal como a Ditadura Civil-Militar brasileira, que embora encerrada em termos oficiais, ainda tem suas marcas deixadas na memória social do país, uma cicatriz histórica que ainda não foi devidamente curada. Nesse sentido, se 1964: *o Brasil entre armas e livros* mostra alguma relevância, esta parece residir justamente no seu poder de difusão de ideias e fatos de viés conservador sobre a história nacional. Relevância em termos de possibilitar compreender a forma como o conservadorismo e também o negacionismo tem sido organizado no país.

O fenômeno atual da onda conservadora, na política, cultura, economia e sociedade, notado em várias partes do mundo, como EUA, alguns países europeus (Inglaterra, Rússia, Turquia etc.), Ásia e na América Latina, tem trazido à tona a discussão do passado e da memória histórica desses países e regiões. No Brasil, esse fenômeno está trazendo à luz um novo embate, disputado no território da memória e da historiografia. Aos vencedores de 1964 sobrou, após 1985, a constatação de sua derrota no campo da memória e história.¹¹ Estes teriam ganhado na força das armas, mas perdido no campo das ideias. Diante disso, iniciaram, especialmente a partir da segunda metade da década de 2010, um movimento para revisar a história e a memória do Brasil, agora a partir do ponto de vista dos vencedores de 1964, nos termos de Motta (“História, Memória”).

O movimento conservador no Brasil, o qual em outros tempos parecia acanhado, na atualidade voltou à cena pública e franqueou o surgimento

11 Importante destacar que essa derrota vem sendo questionada pela historiografia nacional, vide especialmente (Napolitano, “Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro”). Este artigo traz uma contribuição ao debate por discutir sobre o tipo de memória e história da ditadura que foram produzidos após a abertura política em 1985, de características tradicionais e conservadoras, portanto, não representando diretamente uma memória e história de esquerda. Ver também (Motta, *As universidades e o regime militar: Cultura política brasileira e modernização autoritária*).

de movimentos revisionistas que passaram a atuar em temas-chave da nossa história, tais como a ditadura militar, a escravidão, o Brasil Imperial entre outros.¹² Conforme Capelato, o revisionismo histórico é uma prática comum na produção historiográfica, já que com o passar do tempo, novas pesquisas e evidências podem favorecer o questionamento de balizas cronológicas, de conceitos antes consolidados ou de interpretações factuais e de eventos. Entretanto, existe um tipo de revisionismo, seguindo a trilha proposta agora por Traverso, que tenta se basear em argumentação falaciosa ou falsificações com objetivo de negar concepções históricas às quais seus proponentes estão em desacordo. Daí passam a surgir nas redes sociais, como o Twitter e em canais do Youtube, formulações que deturpam noções consolidadas na historiografia, tais como: “nazismo era de esquerda”, “não aconteceu o holocausto”, “a escravidão foi boa para o Brasil” e, podemos acrescentar, “em 1964 o Brasil estava à beira de uma revolução comunista”. Tauil mostrou exemplos muito corriqueiros nesse sentido, extraídos de redes sociais. Trata-se de um cenário onde variados agentes alinhados à extrema-direita se esforçam para criar uma história/memória positiva do passado, nostálgica dos autoritarismos. No caso brasileiro, conforme Napolitano (“Desafios”), os revisionismos se acirraram em 2015 com a ascensão de uma extrema direita, saudosa do regime militar, que em nome do fantasma da corrupção e da luta contra as esquerdas, em muito contribuíram com a crise política que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff.

3. O Brasil Paralelo pela Brasil Paralelo

O nome *Brasil Paralelo* é confessadamente inspirado no filme *Interstellar*, de 2014, do diretor Christopher Nolan. O enredo traz um protagonista que precisa ajudar a humanidade a escapar dos problemas ambientais na Terra ao viajar através de um buraco de minhoca no espaço, em busca de um planeta habitável numa “galáxia paralela” onde a humanidade poderia sobreviver. Essa ideia inspirou inclusive o logotipo da empresa, com um formato de buraco de minhoca, visando transmitir a mensagem

12 No Brasil o revisionismo distante de preceitos da historiografia tem encontrado terreno fértil: basta lembrar Leandro Narloch com o seu *Guia politicamente incorreto...* e sequências. No campo dos militares, sua versão da história pode ter ficado por um bom tempo na penumbra, porém sem desaparecer, temos *A verdade sufocada...* de Carlos Alberto Brilhante Ustra.

de conexão com uma realidade alternativa, no caso, em relação ao que é mostrado pela grande mídia e pela historiografia (Escorel). Em resposta a uma crítica da GloboNews, disponível no Youtube, os produtores da *Brasil Paralelo* revelaram suas concepções e orientação política:

Qual foi o livro que tu estudou na escola Lucas? - Mário Schmidt¹³
- E tu Henrique Zingano? - Idem -. Eu também e o que que tem no Mário Schmidt? O Mário Schmidt vendeu, e não me lembro se é 20 milhões ou um negócio assim [...] *Ele comparou Cuba e capitalismo dizendo que Cuba é um regime bom e o capitalismo é um regime ruim, no socialismo [...] tudo é do povo e no capitalismo tudo é dos senhores de escravos. [...] E na época do Império, tu abre a página do capítulo do império, Império do Brasil: D. Pedro I era opressor! - D. Pedro II perseguia as pessoas e matava... é marxista declarado do início ao fim, justificando Stálin, nossa uma merda de livro!* - Importante, eu estudei num colégio diferente do Lucas e diferente do Zingano, nós três em colégios diferentes estudamos com esse livro e mais provavelmente mais 20 milhões de pessoas em três colégios diferentes e exclusivamente uma visão da história Brasil Paralelo. (“Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”, grifo nosso)

A crítica dos sócios do Brasil Paralelo sobre a produção de livros didáticos e o ensino de história é um indicativo da base de pensamento do grupo. De fato, é possível afirmar que o livro didático *Nova História Crítica*, de Schmidt, foi um fenômeno editorial em sua época. Foram distribuídos nove milhões de exemplares nas escolas em várias regiões do país, via Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), considerando que cada livro é utilizado por três anos, as estimativas são de que atingiram 28 milhões de estudantes. O ataque à coleção *Nova História Crítica* partiu de Ali Kamel, do grupo Globo, e em seguida foi reverberado pelo Estadão. Na época as especulações feitas para entender a ofensiva iam desde o medo de setores conservadores de uma doutrinação comunista, argumento vivo na perspectiva olavista do Brasil Paralelo, até uma vinculação

13 Na fase final de redação do presente artigo recebemos a notícia do falecimento de Mario Schmidt. O editor da coleção *Nova História Crítica*, Arnaldo Saraiva, fundador da editora Saraiva e da Nova Geração, reputou o empreendimento como o mais bem sucedido da história editorial brasileira. Depois do ataque midiático, Schmidt passou a viver em reclusão e sua coleção não mais fez parte do Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/morre-mario-schmidt-au-tor-massacrado-pela-globo-em-sua-cruzada-ideologica/>

da proposta histórica dos livros didáticos à ideologia do Partido dos Trabalhadores (Kamel, Schmidt e Nassif).

Essa relação entre o livro didático de história e ideologia é um *leitmotiv* dos produtores do Brasil Paralelo e que encontra ressonância em vários setores da sociedade brasileira, inclusive com ampla exposição pelo Movimento Escola Sem Partido. A intenção declarada da produtora é refazer a história brasileira a partir de uma proposta conservadora, “corrigindo” o ensino de história nas escolas, aparentemente tanto públicas, quanto particulares. Se consideram como portadores de uma narrativa mais complexa e isenta, dos principais eventos políticos brasileiros, alternativa à versão comunista da esquerda. Tal crítica aos livros didáticos e a produção historiográfica brasileira como um todo permite entender algumas diretrizes da perspectiva histórica e sociológica da Brasil Paralelo. Trata-se de uma compreensão de mundo onde impera uma espécie de maniqueísmo entre comunistas e capitalistas/liberais, também um culto a heróis, do panteão nacional, combinado com apreço ao regime monárquico brasileiro.

Essas características, por sua vez, são reveladoras da inclinação ideológica das produções da Brasil Paralelo. Seus produtores são adeptos do sistema de crenças de Olavo de Carvalho, um astrólogo, autointitulado filósofo e cujo cânon de suas interpretações é normalmente marcado por um viés conservador e com nítido enviesamento para teorias da conspiração de várias estirpes. Olavo de Carvalho passou a ser mais notado pela influência que teve no início do governo de Jair Bolsonaro apesar de circular há bastante tempo no cenário conservador brasileiro e também via redes sociais.

Rocha, no seu ensaio *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*, faz uma aproximação mais detalhada do guru conservador cujas ideias são levadas adiante nos filmes da Brasil Paralelo. Rocha acredita que o sistema de crenças de Carvalho é um dos pilares da ascensão da extrema direita no país. Para o autor, estas crenças têm alguns elementos básicos, e que encontramos direta ou indiretamente presentes nas produções da Brasil Paralelo, especialmente no documentário *1964 - Brasil entre armas e livros*. Trata-se, primeiro, da desqualificação do outro, não pelas ideias, mas da pessoa em si, quando os oponentes são atacados, via palavrões e demais termos que contribuem para a desmoralização do sujeito. Em segundo temos o anti-intelectualismo, Olavo lança mão de

autores, os quais provavelmente não tem um conhecimento aprofundado, na composição de suas crenças e interpretações históricas enviesadas. De fato, nada disso tem comprovação factual, como por exemplo, a acusação de que um certo marxismo cultural teria impregnado a mídia e os sistemas de ensino no Brasil ou então que algumas marcas de refrigerante utilizam feto de cavalos em sua receita. Para os produtores da Brasil Paralelo, inspirados em Olavo de Carvalho, todo o sistema educacional oferece doutrinação ideológica na medida em que é controlado por esquerdistas. Ao assistir o documentário em foco aqui, fica evidente a adoção do sistema de crenças de Olavo em seu script, partindo do pressuposto do irracionalismo e do revisionismo histórico.

Nesse sentido, a produtora Brasil Paralelo desenvolve um trabalho que se encerra nos limites do que a historiografia define como revisionismo histórico, ou melhor, de um tipo de revisionismo específico. No já mencionado artigo “História do Brasil e revisões historiográficas” Maria Helena Rolim Capelato faz a distinção entre revisões historiográficas acadêmicas e o revisionismo justificado por “interesses de natureza diversa” (22). Assim, a primeira forma de revisão, deriva do escrutínio dos fatos e processos graças ao surgimento de outras fontes, questões do tempo presente, mudanças de valores e alteração de paradigmas historiográficos. O revisionismo não-acadêmico, a segunda forma descrita por Capelato, por seu turno, toma assento quando existe o questionamento de versões historiográficas embasadas “[...] a partir da manipulação das fontes, deturpação de dados e exposição de informações imprecisas e descontextualizadas em relação aos acontecimentos [...]”, denominada por Capelato como uma “versão comprometida” da história, por trazer interesses ideológicos e políticos, distantes do fazer histórico acadêmico e científico (22 grifo do autor).

Ambas as formas de revisionismo histórico, acadêmico e a não-acadêmica, aparecem de maneira mais acentuada em efemérides da história nacional. Capelato arrola alguns marcos temporais nos quais revisionismos apareceram, tais como: 500 anos do “descobrimento”, os marcos da independência, a Proclamação da República e os 50 anos do Golpe Militar de 1964. De fato, os usos políticos do passado são variados, mas a versão comprometida de revisionismo, a qual nos interessa aqui, tem utilizado a história como meio de refundar mitos e marcos temporais de origem da nação, da sociedade e de aspectos econômicos e políticos do

Brasil. Uma instrumentalização do passado, da história, que utiliza de diversos meios para divulgação, conforme Capelato:

As versões comprometidas sobre o passado tanto podem ser divulgadas através dos meios de comunicação de natureza diversa, como a partir de publicações de livros que expressam versões impactantes ou pitorescas da história, os quais tendem a se tornar best-sellers, ou produzidos com o intuito de angariar adeptos para uma determinada causa Capelato. (22)

Os usos políticos do passado simplificam os conteúdos e análises promovidas por historiadores profissionais, trazendo uma leitura propagandística da história nacional. As diversas formas de divulgação existentes na atualidade (redes sociais, podcasts, Youtube, por exemplo) e a facilidade que qualquer pessoa tem para difundir suas idéias levam propostas como a da Brasil Paralelo a ter ampla ressonância no meio social. O revisionismo histórico comprometido desta produtora abarca uma série de fatos históricos bem conhecidos do público brasileiro, mas alterados em detalhes de forma a dotá-los de novos significados e até mesmo outras consequências para a história do país. Uma instrumentalização do passado, devemos destacar, promovida por não especialistas.

A escolarização dos integrantes do Brasil Paralelo é algo que precisa ser mencionado para podermos entender de onde parte esse revisionismo e negacionismo. Os três fundadores/produtores cursaram a Faculdade de Administração e Marketing da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), alguns se conheciam desde a infância. Em entrevista à Folha de São Paulo, Lucas Ferrugem afirmou que acabaram não se formando, pois compreenderam o funcionamento do “sistema universitário brasileiro” e sua “ineficiência”, e assim, evadiram do curso. O sócio da produtora alinha seu abandono do curso superior à uma concepção segundo a qual as universidades são “redutos esquerdistas” também faz menção à suposta “lavagem cerebral” a que eram expostos tanto na escola quanto na universidade e relaciona a atividade da produtora Brasil Paralelo ao setor educacional. Enfatiza também que a proposta empresarial seria a melhor forma de produzir conteúdo para a educação com a possibilidade de disponibilizar gratuitamente no YouTube, ainda assim, a produtora cobra uma mensalidade para o acesso integral dos materiais

em seu canal na rede social (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”).

Os produtores da Brasil Paralelo trazem uma concepção educacional em conformidade com as propostas neoliberais dominantes na política educacional brasileira a partir de meados dos anos 2016, especialmente com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A forte influência do Banco Mundial e da ONU, levou a readequação do sistema educativo público nacional enfatizando uma espécie de pedagogia do empreendedorismo. Uma proposta educacional, de acordo com Cassiano, alinhada ao empresariado da educação brasileira e ao setor conservador. O objetivo é a formação de mão-de-obra, de força de trabalho. Mas, de forma diferenciada do ensino tecnicista de outrora que já fez parte do sistema educacional brasileiro, agora a intenção é a simples passagem do indivíduo pela educação formal, adquirindo conhecimentos gerais e instrumentais, sem o aprofundamento e pensamento crítico, o tornando apto para a realização de atividades, trabalhos etc. que suas habilidades pessoais e obtidas ao longo desse período formativo o permitam executar. De fato, consolida-se uma versão da educação pública baseada nos interesses do indivíduo, e em sua capacidade de elaborar isso para ser empregável no futuro. A História entra nesse processo de instrumentalização dos saberes, contribuindo com um conhecimento superficial sobre o passado e de preferência que amenize os conflitos sociais e políticos da história brasileira.

No documentário *1964 – O Brasil entre armas e livros*, um elemento muito repetido pelos sócios da produtora é o seu objetivo em produzir uma história livre das “contaminações ideológicas” a que o tema está submetido de ambos os “lados”. O termo “contaminação” é utilizado no sentido que toda ideologia é uma doença e um crime. Na divulgação de seu filme na Jovem Pan, os sócios da Brasil Paralelo definiram ideologia como prática na qual agentes políticos se apoderaram das instituições estatais e se utilizaram dessas para exercer controle sobre o resto da sociedade, no caso, estavam se referindo aos governos petistas na presidência da República (Rádio Jovem Pan). Um dos chavões repetidos nessa entrevista de divulgação do filme foi “nós não somos intelectuais, somos as pessoas que vão buscar os intelectuais e intermediar o contato destes com um público mais amplo”. Esses intelectuais entrevistados emprestam autoridade ao conteúdo trazido pela produtora, ainda que seja



uma autoridade forjada, na medida em que são pessoas desconhecidas do circuito acadêmico, particularmente próximas a Olavo de Carvalho ou integrantes de institutos de cunho ultra-liberal.

No que diz respeito especificamente à Ditadura Civil-Militar, tema do documentário, para Olavo de Carvalho, o Golpe de 1964 foi uma reação do Exército e da sociedade às esquerdas que ameaçavam tomar o país com movimentos de guerrilha armada. No controle do Estado, as forças armadas ao invés de realizar um saneamento rápido das esquerdas, permitiram que estes passassem a ocupar setores estratégicos da sociedade, como a mídia, a rede de universidades e as escolas, difundindo um conjunto de ideias que no léxico do “filósofo”, é chamado de marxismo cultural. Essa linha de raciocínio é adotada na narrativa da Brasil Paralelo sobre o período e também orienta seus posicionamentos de um modo mais geral (Rádio Jovem Pan).

A ideia do golpe de 1964 como preventivo não encontra lastro na historiografia especializada sobre a temática da ditadura. O argumento defendido por Olavo de Carvalho, e encampado na narrativa de 1964: *o Brasil entre armas e livros*, acaba por justificar o golpismo do Exército, embora a imagem dos homens fardados nesse filme não seja positiva por completo, pois deixaram brechas para a sobrevivência da esquerda no país. É de Olavo de Carvalho a noção a qual os militares tomaram o poder, mas não fizeram nada para impedir que “os esquerdistas” dominassem a mídia, as escolas e as universidades, divulgando e mantendo vivo o chamado “marxismo cultural”. De fato, a narrativa adotada pela Brasil Paralelo está eivada de um revisionismo alheio aos preceitos da historiografia consolidada sobre a ditadura e sem conexão com a realidade. Talvez seja justamente por isso que o anúncio do filme já causava *frisson* em algumas mídias e redes sociais. A produtora, que já era conhecida por seu conservadorismo em outros trabalhos, havia alardeado apresentar uma narrativa isenta sobre o golpe, sem “contaminações” ideológicas. A imprensa afeita à visão liberal sobre a ditadura, particularmente construída pelo jornalista Elio Gaspari na sua coletânea *Ilusões Armadas*, prenunciou o revisionismo em vários momentos.¹⁴

14 Vide por exemplo a matéria na Folha de S. Paulo: “Produtora Brasil Paralelo revisa história em filme e livros com visão de Direita” de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-para-lelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>.

De fato, o revisionismo leva a deturpação intencionada de fatos históricos conhecidos e consolidados. O consenso historiográfico em torno de episódios do passado é deixado de lado e em seu lugar entram interpretações que não tem o mínimo de embasamento material, seja em fontes documentais, história oral ou qualquer outra forma de credibilidade científica. O revisionismo histórico comprometido da *Brasil Paralelo* é, conforme Traverso, uma forma apologética de fazer história. Este revisionismo proposto pela produtora, para Traverso, implica um deslocamento ético e político da maneira de olhar o passado, incidindo assim em matizes apologéticas da historiografia.

Traverso menciona ainda que o revisionismo pode ser enquadrado em três categorias: fecunda, discutível e a nefasta. Sobre a primeira, relaciona os historiadores israelenses que estão revendo as relações entre Israel e a Palestina, é fecunda pois proporciona o desenvolvimento saudável da historiografia. A segunda categoria, discutível, trata-se de propostas de revisão que são ao menos questionáveis em relação aos métodos e encaminhamentos e que colocam em questão toda uma tradição historiográfica, mas que ainda assim dá ensejo para a crítica e o debate entre especialistas. A última categoria, nefasta, coloca em cena os revisionismos que promovem o negacionismo histórico, uma revisão de caráter nitidamente enviesado e que nem desenvolve nem abre espaço para a discussão, levando para o campo da apologia a memória, a história, numa tentativa de refundar o passado a partir do viés ideológico (Traverso).

O que temos na proposta de história da *Brasil Paralelo* é um revisionismo nefasto. A sua proposta de história é pautada pela negação do passado tal como colocado pelos historiadores nacionais e pelo consenso historiográfico e em seu lugar é oferecida uma visão baseada em uma interpretação sem a responsabilidade com os aspectos científicos. A *Brasil Paralelo* oferece uma imagem do passado, nem branda, nem radicalizada, mas que remete a um passado simplesmente inexistente.¹⁵ O período privilegiado por essa produtora de conteúdos midiáticos é, conforme já vimos, do Regime Militar, por ser um campo fundacional da memória e história do Brasil contemporâneo. A Ditadura Militar (1964-1985) é um

¹⁵ Inexistente no sentido de não se tratar de um debate entre interpretações historiográficas, embasadas em fontes e testemunhos, ou seja, científica/acadêmica. Mas apenas um retrato do passado que eles, os produtores da *Brasil Paralelo*, gostariam que tivesse ocorrido.

campo fértil para o revisionismo histórico, de todos os tipos possíveis. Podemos encontrar tanto as revisões historiográficas quanto o revisionismo, distante dos preceitos da historiografia, em profusão. Isso, considerando conforme Quadrat, que se trata provavelmente do tema mais estudado da historiografia brasileira¹⁶.

A historiografia brasileira recente sobre a Ditadura Civil-Militar, muitas vezes corroborou as obras clássicas, mas por vezes acabou oferecendo outras luzes sobre o período, se valendo de novas fontes. Neste sentido, vale mencionar o livro do historiador Reis, *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*, na qual o historiador trava um debate com René Dreifuss acerca da ênfase que o cientista político confere acerca do papel de órgãos como o complexo IPES/IBAD no convencimento da população dos riscos do comunismo. O historiador aponta na direção a qual um regime tão duradouro não pode ter existido por tanto tempo sem a colaboração e aprovação de grande parte da sociedade. Embora a discussão não tenha sido tão consensual pelo conjunto dos historiadores, como observou Napolitano (“O Brasil na Guerra Fria Global”), contribuiu bastante para o enriquecimento do debate acadêmico. Outra pesquisa que deve ser mencionada é promovida por Motta no livro *As Universidades e o Regime Militar*, no qual procurou rever o papel das universidades brasileiras durante a ditadura, a partir do conceito de cultura política. Outro caso digno de nota, relacionado à utilização de novas fontes, porém não exploradas no âmbito da historiografia, é a coleção *ilusões armadas* de Gaspari. O jornalista recebeu a tutela dos arquivos do Cel. Golbery do Couto e Silva e do Gal. Ernesto Geisel, bem como dezenas de entrevistas deste último. A coleção que se mostrou reveladora, principalmente, de o quanto a tortura foi utilizada como ferramenta política desde o primeiro dia do assalto ao poder pelos militares. Tem como principal característica a monumentalização de Golbery e Geisel, conforme crítica de Napolitano (“Historiografia, memória e história”). A obra de Gaspari se tornou referência nos meios da imprensa liberal, condenando a tortura e as violações de direi-

16 Para maiores referências sobre análises de outros campos científicos sobre a Ditadura Civil-Militar brasileira, especialmente das ciências políticas, consultar Napolitano (“O golpe de 1964”).

tos humanos de forma cabal, mas ajudando a cimentar a visão problemática da resistência armada como grupos antidemocráticos.¹⁷

No cinema, em 2013, o cineasta Camilo Tavares, filho do jornalista Flávio Tavares, que na ditadura aderiu à resistência brizolista, lançou o filme “O dia que durou 21 anos”. O filme teve o mérito de levar a um público mais amplo um retrato do golpe e seus motivos, amparado na historiografia mais atual sobre a temática e concatenando elementos do âmbito da história e da memória. Foi muito bem recebido pela crítica e pela opinião pública, se convertendo em uma espécie de obra “filme de referência” sobre o golpe de 64. Posto que os realizadores de *1964 - o Brasil entre armas e livros*, em entrevista à jornalista Leda Nagle, manifestaram a intenção de assumir com a sua “peça historiográfica” (Nagle).

4. O documentário

Os 67 segundos iniciais do documentário, tal como está publicado no Youtube, mostram manchetes de jornal ao som de depoimentos de jovens que afirmam terem tentado realizar uma exibição do mesmo em suas instituições de ensino, porém, foram censurados, tanto por professores ou em outras instâncias. O argumento de censura é uma constante na retórica dos membros da produtora. É o impedimento que lhes é imposto pelo “mainstream”, corrente ideológica predominante, por tentarem mostrar sua “narrativa imparcial”. Todo tipo de material nesse sentido foi selecionado e exibido como troféu no sentido de construir a imagem da Brasil Paralelo como agente que tem uma verdade incômoda a contar.

O documentário também mostra a divulgação feita por Eduardo Bolsonaro. O político utilizou manchetes jornalísticas mencionando que a peça discute mal-entendidos da ditadura, a justificativa da rede Cinemark por ter cancelado a exibição em algumas salas, além de duas manchetes de crítica, uma do jornalista Reinaldo Azevedo, outrora críti-

17 Outro episódio que até os dias atuais reaparece na opinião pública é o do editorial de 2009 da Folha de São Paulo, intitulado como “Limites a Chávez”, caracterizando a última ditadura brasileira como ditabranda. Gerando forte reação de repulsa na comunidade acadêmica e também entre jornalistas, a observação da brandura do regime militar brasileiro embasada no número de mortes inferior aos demais regimes do Cone Sul não caiu bem para o jornal (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1702200901.htm>).

co radical dos governos petistas, e uma crítica do historiador Fernando Nicolazzi. Os primeiros segundos da película já permitem entrever quais são os aliados da produtora, os bolsonaristas, e quem considera como adversários: a imprensa liberal, intelectuais e comunistas.

Nos 62 segundos seguintes temos a fala de Felipe Valerim, sócio da produtora Brasil Paralelo e um dos diretores do documentário. A tonalidade de sua voz tenta transmitir seriedade, o fundo e a roupa preta utilizada por Valerim, auxiliam nessa perspectiva, do mesmo modo a iluminação, com o chamado efeito Rembrandt, que deixa o lado direito de sua face nas sombras enquanto o esquerdo está iluminado, aumentando assim o clima dramático. A censura ao filme é enfatizada novamente junto a um apelo a patrocínios para que mais pessoas possam ter acesso ao conteúdo da empresa. Aliás, letreiros estimulando financiamento ou doações são uma constante no decorrer da obra, um recurso que no cinema profissional pode passar uma série de mensagens e informações de outra natureza, como aponta Villaça, aqui é apenas o constante incentivo à colaboração financeira com a empresa.

Os próximos 44 segundos são compostos por uma profusão de imagens aleatórias, manchetes de jornal da época e vídeos com confrontos de rua entre policiais e manifestantes, camponeses com ferramentas levantadas, tudo ao som das falas emblemáticas de Auro de Moura Andrade (presidente do Congresso em 1964), Carlos Lacerda (governador da Guanabara em 1964) e de uma trilha sonora que objetiva gerar um sentimento de apreensão. A sensação imediata após essa miscelânea é de grande confusão, gerada por sequência de imagens sendo substituídas, às vezes em milésimos de segundos, ao som de uma trilha sonora muito parecida à da série épica *Game of Thrones*. A escolha de uma música nos moldes da trilha de uma série de TV extremamente popular, combinada com uma estética ultrapassada de documentários, pode ser um dos componentes de sucesso da peça do Brasil Paralelo, ao trazer uma linguagem simples, mas permeada de elementos que são familiares ao público em geral.

Na sequência dessas cenas, tem lugar uma abertura onde uma arte gráfica que remonta a símbolos do período imperial é mostrada em vários ângulos diferentes. Sua coloração é de um dourado metálico que tem sinais, efeitos de computação gráfica representando oxidação em andamento. No final, a vista panorâmica mostra a palavra Brasil escri-

ta em caixa alta onde cada letra é gravada com estrelas, e no topo existe um globo encimado por uma cruz, nitidamente inspirado na Bandeira do Principado do Brasil que vigorou entre 1645 e 1816. Nas laterais, ramos de café e tabaco como na bandeira imperial. Na parte inferior um brasão, inspirado no símbolo de armas português, utilizado em várias bandeiras imperiais do Brasil. Por essa espécie de abertura podemos concluir que na Brasil Paralelo não existe muita simpatia pela República, apontando para uma preferência histórica pelo regime imperial ou mesmo colonial.

O filme traz como mote principal uma “revelação bombástica”, conforme havia sido divulgado em campanhas publicitárias: a existência de espões da Tchecoslováquia, país que nos anos 1960 estava sob a égide do regime comunista soviético, que teriam atuado no Brasil pré-Golpe, a mando da KGB, o principal serviço secreto da União Soviética. Tal informação é oriunda do livro *1964: O Elo Perdido: o Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista*, de Kraenski e Petrilák, também depoentes no documentário. A referência ao livro com o termo “informação bombástica” é utilizada como marketing visando conferir seriedade ao documentário e servir como elemento preparatório para o argumento da ameaça comunista, que serviu de fundo ideológico para justificar a ditadura militar. Foram realizadas filmagens no órgão onde os arquivos da StB, serviço de informações Tcheco, estão tutelados, na cidade de Praga, e a pesquisa a qual originou o livro de Kraenski e Petrilák é descrita no filme apontando a existência de agentes comunistas, inclusive, muito próximos ao então presidente João Goulart. Dos 20 aos 35 minutos do filme esse assunto é esgotado. A menção, por parte do filme, a uma pesquisa que denuncia presença de agentes secretos comunistas no Brasil, sem mencionar os nomes dos mesmos, não parece constituir grande novidade, mas serve para reforçar uma das teses centrais da peça, à qual o Golpe de 1964 foi uma reação à ameaça comunista.

É necessário frisar que a historiografia refuta a ideia do golpe de 64 como preventivo à uma suposta ameaça comunista. As descobertas mais recentes sobre o Golpe de 1964 foram publicadas por Fico (*Além do golpe*), onde o historiador relata minuciosamente a conspiração realizada pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, como agente político que convenceu o alto escalão da Casa Branca de que o presidente João Goulart era uma ameaça. Tais informações também foram difundidas a um público mais amplo no documentário dirigido por Tavares

O dia que durou 21 anos. Tavares tem também o mérito de ser o primeiro a exibir a gravação de uma reunião na Casa Branca onde o presidente Kennedy tecnicamente autorizava Gordon a intensificar os esforços no sentido de conspirar para a derrubada de Jango. Daí a conspiração que angariou adeptos nos setores militares, com forte inclinação ao golpismo, dispostos a tomar o poder de assalto, como apontou Fico (“Ditadura Militar brasileira”).

A Ditadura em si começa a ser tratada após 50 minutos de filme. O Brasil Paralelo parece ter gosto por uma história que remonta às origens. A narrativa é sequencial e pretende abarcar boa parte dos desdobramentos da política internacional do século XX. Uma lista de temas certamente tratada no velho livro escolar de História, de Schmidt, que coincidentemente foi utilizado pelos sócios da Brasil Paralelo, como os próprios atestaram (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”), embora com perspectiva enviesada. Porém, com a atribuição de um novo sentido à história, daquela ensinada a eles, de “esquerda”, que trazia a crítica em relação ao imperialismo estadunidense, centrada no conceito de luta de classes e crítica da ditadura.

Vejamos a sequência da história política internacional utilizada pela Brasil Paralelo em seu filme: Revolução Russa; Derrota do nazifascismo; Formação da URSS; Guerra Fria; Revolução Chinesa; Guerra das Coreias; Revolução Cubana; Primeira Internacional Comunista; Fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB). Voltando para a História do Brasil: Governo Juscelino; Governo de Jânio Quadros; Formação da Guerrilha no Brasil; Governo Goulart; Golpe de 64; Governos Castelo Branco; Costa e Silva; Médici; Geisel; Figueiredo; Abertura Política. Um encadeamento sequencial que mostraria uma linha do tempo ensinado em qualquer escola, mas agora revisitada pela perspectiva da produtora, ou seja, de cunho olavista.

A proposta do documentário é exagerada em termos de amplitude temporal. De início isso mostra a dificuldade de não historiadores em fazer o “recorte” da temática, problematizar um determinado assunto e adquirir fontes específicas. O filme em questão segue uma determinada forma de abordar a história se utilizando de temporalidade linear, a relação entre causa e efeito, a história como explicação do presente e uma nostalgia pelo culto de heróis. Tal opção que, num primeiro momento, poderia ser considerada uma falha do documentário, está ligada

à concepção de história que informa a produtora, uma noção que refuta a desconstrução de heróis optando por uma visão monumentalizada e saudosa de um passado, mais especificamente, o passado legado pelas tradições europeias, como apontado por Nicolazzi.

Podemos entender também que a escolha por uma “história tradicional”, de certo modo, facilita o entendimento do público em geral. Esta concepção ultrapassada, hoje combatida pelos historiadores, pode gerar certa familiaridade em nichos de espectadores para a compreensão da sequência de eventos tratados pelo documentário. Evidente que isso provoca um enviesamento da perspectiva de interpretação dos fatos. Ao discorrerem, superficialmente, sobre “consequências nefastas” da Revolução Russa quando um dos temas centrais é o Golpe de 1964 no Brasil, fazem a associação entre a consolidação do estado soviético como risco político ao Brasil. Se pensarmos por esse viés, podemos considerar toda a referência à Guerra Fria e ao contexto internacional como urdidadas de modo a justificar o Golpe dado pelo pelos militares, uma vez que as ideias comunistas estariam em franca penetração no território nacional. Do mesmo modo, o tratamento do período da abertura política no Brasil, em 1985, tal como feito no documentário, aposta numa imagem a qual os opositores à Ditadura, que teriam pressionado para a retomada democrática do país, tinham como intenção o aparelhamento do Estado. Algo que teria se consolidado a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) (2003-2016).

Outro elemento de enviesamento na leitura histórica proposta pelo documentário vem dos “especialistas” que são colocados para falar. Os entrevistados, ou cabeças falantes, são parte da onda neoconservadora que se arvorou nos últimos anos. Alguns são velhos conhecidos da mídia tradicional, William Waack e Luiz Felipe Pondé, (respectivamente, jornalista e filósofo com posicionamentos fortemente conservadores), os autores de *1964: o elo perdido: o Brasil nos arquivos do Serviço Secreto Comunista*, Mauro Kraenski e Vladimir Petrilák, realizadores da pesquisa nos arquivos da StB em Praga. Temos também nomes e organizações vinculados ao circuito liberal conservador, como os Institutos Mises ou Millenium, além de alguns entrevistados com presença acanhadamente simbólica, como o youtuber Bernardo Kuster e Luiz Philippe de Orléans e Bragança. As presenças mais constantes, que acabam dando um rosto à peça são Lucas Berlanza, Silvio Grimaldo, Thomas Giulliano, Rafael No-



gueira (discípulos de Olavo de Carvalho) e Percival Puggina, um escritor gaúcho conservador.

A utilização do recurso das entrevistas parece se coadunar com a concepção de documentário levada a cabo pela empresa gaúcha. No entender de Villaça, a função dos entrevistados na película é de operarem como meras cabeças falantes cuja única função é corroborar o ponto de vista do filme. Ao contrário da utilização moderna do recurso, na qual aqueles que são entrevistados podem inclusive servir de contraponto à visão do cineasta, ilustrando melhor por contraste as ideias defendidas no filme. Simultaneamente, são os entrevistados que conferem à peça a autoridade intelectual, à qual inclusive, os realizadores do filme, conforme vimos, se eximem. Essa função também é realizada na medida em que os entrevistados não irão fugir do tom da mensagem central do panfleto, o sistema de crenças de Olavista.

Entretanto, algumas concepções ou formulações destes entrevistados acabam gerando estranheza. A primeira frase de Puggina, sobre ser impossível entender o que se passava no contexto da Guerra Fria sem ter vivido naquela época, é uma delas. Ora, numa peça com conteúdo histórico essa formulação dá primazia à memória de quem viveu no período, relegando para segundo plano análises compostas com base em fontes de outra natureza. Essa noção remonta à antiga discussão entre história e memória, trazida por autores como Nora e Traverso, entre experiência e pesquisa científica. Ela retira das mãos dos historiadores a capacidade de compreender um período histórico a partir das fontes e de certo afastamento temporal e concede autoridade aos sujeitos que falam do âmbito da memória, desprezando todas as formulações que podem conciliar metodologicamente os discursos vindos destas instâncias distintas.

Temos também a fala de Nogueira que remete a associação entre ações políticas e doenças. Para o entrevistado, a instauração do Regime Militar em 1964 representou a extirpação de uma doença, o comunismo no Brasil. Essa relação traz à tona a possibilidade de entender que haveria aspectos de saneamento na atitude dos militares e conseqüentemente dizer ao público que na história existiria uma linha temporal que é sadia, com fatos e eventos que são salutares à história nacional, enquanto qualquer interrupção nisto é uma doença a ser remediada. Nesse sentido, o risco do comunismo, que também era propalado por várias instituições,

das quais as principais era o IPES/IBAD.¹⁸ Entretanto, o filme condena a tomada prolongada de 21 anos do poder e condena também a aquiescência dos militares com relação a um aparelhamento da imprensa e de universidades por pessoas de esquerda.

Essa última interpretação é condizente com o fio condutor de todo o argumento do documentário: o sistema de crenças de Olavo de Carvalho que guia a análise e revisão histórica proposta no documentário. A confirmação deste embasamento em Carvalho está numa entrevista à Rádio Jovem Pan na qual os sócios da produtora, Viana, Valerim, Ferrugem, associam o início da reabertura política, ainda nos anos 1970, a certa permissividade da ditadura em consentir à esquerda dominar culturalmente as universidades e a imprensa, fazendo uso do “marxismo cultural”:

[...] um debate muito caloroso que teve na USP nos anos 70 começou a mobilizar opinião pública, que tava mais frágil, mais sensibilizada, em relação ao regime militar e dizer: olha vamos construir um outro tipo de cultura aqui [...] as referências culturais que proliferaram na academia e portanto formaram as pessoas que ocuparam meios de comunicação, academia, universidades etc. Elas sim, foram formadas com essa ideia de vamos lutar contra os militares, nos apropriar dessa crise para validar esses movimentos comunistas. (Rádio Jovem Pan)

Além de Carvalho, temos também outras fontes de releitura do período. João Cezar de Castro Rocha chama atenção para a interpretação contida no *Orvil*.¹⁹ Este documento, sob encomenda do Gal. Leônidas

18 O IPES foi uma organização de empresários do Rio de Janeiro e de Paulo com o objetivo de defender os princípios de liberdade pessoal de empresa. Foi fundada em 1962, funcionando como órgão de oposição ao governo de João Goulart, diminuiu suas atividades após o Golpe de 1964 e as encerrou por completo em 1962. Mais informações em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-de-pesquisas-e-estudos-sociais-ipes>. O IBAD foi criado em 1962 por Ivan Hasslocher em 1962, com objetivo explícito de combate ao comunismo e era financiado por empresários do Brasil e do exterior, procurando interferir nas eleições de 1962 patrocinando as campanhas de políticos que faziam oposição a João Goulart. Foi fechado em 1963 acusado de realizar atividades que ofereciam risco à segurança do Estado e da coletividade. Mais informações ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-brasileiro-de-acao-democratica-ibad>.

19 *Orvil* (livro escrito ao contrário), trata-se de uma publicação, que foi divulgada internamente nos cursos de formação militar no Brasil, cuja narrativa feita por alguns militares, em boa parte da pena do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, justifica o golpe militar de 64 e oferece uma interpretação dos fatos muito parecida com a oferecida por Olavo de Carvalho.

Pires, foi uma espécie de resposta à publicação do projeto Brasil Nunca Mais, sua circulação foi vetada pelo então presidente José Sarney, no início de seu governo (1985), e ficou engavetada por anos. Embora restrita, houve a difusão nos círculos da direita e extrema-direita, servindo para a formulação de teorias conspiracionistas de diversas estirpes. A proposta revisionista do Orvil, diz que os comunistas, dos anos 1920 aos anos 1970, tentaram tomar o poder e impor uma ditadura do proletariado. Assim, movimentos como o de 1922, a Revolta do Forte de Copacabana, de 1935 a Intentona Comunista, e depois as Ligas Camponesas dos anos 1950 tinham essa direção. Neste revisionismo, em 1974 a esquerda fez uma auto-crítica, uma vez que foi impossibilitada de chegar ao poder pelas armas, adotou a estratégia de seduzir corações e mentes através dos livros pelos setores culturais, universidades, escolas e mídia, conforme Rocha (*Guerra cultural*).

A formulação acima permite inclusive entender o título do filme do Brasil Paralelo. *1964 - O Brasil entre armas e livros*, representando as armas que os militares utilizaram para retomar o poder, rechaçando os intentos comunistas. Entre os livros que seduziram as mentes da população, aproveitando o impulso natural dos movimentos de contracultura e consolidando uma história esquerdista do Brasil. O *Orvil*, conforme Rocha (*Guerra cultural*), cita inclusive o filósofo Herbert Marcuse como idealizador da destruição das bases culturais do Ocidente, a religião, a família e o direito. Por essa linha de interpretação, os ataques da Brasil Paralelo à história ensinada nas instituições de ensino, escola e universidade, passam a fazer um pouco mais de sentido, uma vez que na sua ótica conservadora, revisionista e negacionista os militares impediram uma revolução comunista, porém permitiram que setores da esquerda existissem e controlassem as instituições de produção e difusão do conhecimento.

Outro elemento marcante do filme é trazer uma história contrafactual, transmitindo a ideia de que movimentos de guerrilha armada já estavam organizados antes de 1963, numa espécie de preparativo para uma revolução comunista. Nesse sentido, Olavo de Carvalho (aos 51:32 do documentário) afirma que a guerrilha não é fruto da repressão, mas sim o contrário, a repressão somente existiram porque já existia a guerrilha. Essa afirmação não encontra respaldo nas fontes e análises históricas consolidadas, tais como: Toledo (“1964: golpismo e democracia”), Fico (*Além do golpe*), Delgado e mesmo em manuais de história do Brasil

como de Fausto. Uma formulação que sintetiza bem a real condição das esquerdas no período pré-1964 é de Ridente, a qual afirma ser prova da inexistência de qualquer perspectiva sólida, de guerrilha armada, o fato de não ter havido resistência ao próprio golpe de 1964. Assim, não existe base para o argumento utilizado pela Brasil Paralelo, com base no olavismo, de que o golpe teria sido preventivo.

Tão ou mais grave que a argumentação contrafactual é a abordagem da participação norte-americana. O documentário negligencia qualquer interferência estrangeira no Golpe, ou melhor, apenas menciona a presença de espiões da Tchecoslováquia. Olavo de Carvalho chega a afirmar, em seu depoimento no filme, que o porta-aviões deslocado para o litoral brasileiro tinha objetivo meramente de evacuar cidadãos norte-americanos em caso de necessidade. Que haviam muitos estadunidenses no Brasil no período é um fato, uma vez que, conforme Bandeira, no ano de “[...] 1962 ingressaram no país 4.968 norte-americanos com vistos especiais, número quase quatro vezes superior à média dos anos anteriores e posteriores, o que causou estranheza ao governo de Goulart [...]” (*Brasil-Estados Unidos: A Rivalidade emergente*). A preocupação do subsecretário de Relações Exteriores na época, deputado Renato Archer, ainda de acordo com Bandeira, é de que os norte-americanos, que vieram como pastores evangélicos, estudantes, comerciantes e pesquisadores, e se dirigiam mais para a região Nordeste, pertenciam às unidades de contra-insurreição da CIA. Ainda sobre esse fato, ocorre que toda documentação levantada por Fico (*Além do golpe*) aponta que foi mobilizada uma esquadra, composta por dois porta-aviões, 50 aviões de caça e dois navios petroleiros, com objetivo de auxiliar os setores golpistas da sociedade brasileira, composto por militares e governadores de estado como Magalhães Pinto (Minas Gerais) e Carlos Lacerda (antigo estado da Guanabara). A esquadra tinha previsão de aportar no litoral brasileiro no dia 11 de abril, porém, tendo a situação se definido no dia primeiro, regressou. O responsável por esta movimentação foi o embaixador Lincoln Gordon que convenceu o alto escalão da Casa Branca da necessidade de depor Goulart. A narrativa de 1964 - *O Brasil entre armas e livros*, utilizando a fala de Olavo de Carvalho como referência incorre na prática de falsificação dos fatos da história de modo a encaixá-los no esquema interpretativo deste autor, ou seja, outro argumento negacionista, mostrando a vinculação da produtora com uma versão comprometida do revisionismo histórico.



A imagem de Jango construída no documentário é também problemática. O político é retratado como um presidente fraco que tentou governar por meio de decretos e estimular setores sindicalizados a tomar o país. Delgado já havia trabalhado a ideia a qual João Goulart permaneceu por bastante tempo com uma imagem negativa tanto à direita quanto à esquerda. A imagem negativa teria permanecido na esquerda pela decisão de não resistir ao Golpe de 1964. Mesmo na historiografia as análises sobre Goulart haviam permanecido tímidas até 2013, com um livro de Bandeira, *O governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil*, e outro de Villa, *Jango um perfil*. O cineasta Sílvio Tendler (1984) dirigiu o documentário clássico sobre o líder trabalhista, *Jango* e Caio Navarro de Toledo publicou o livro introdutório *O governo Goulart e o golpe de 64*. O cenário caminhou para uma mudança na interpretação das ações do líder trabalhista com a publicação da biografia escrita por Jorge Ferreira, *João Goulart: uma biografia* e com o filme, *Dossiê Jango*, de Paulo Henrique Fontenele. A imagem do presidente que sabia o que estava ocorrendo e tinha perfeita dimensão do jogo de forças que se desenrolava toma o lugar do político sem as habilidades necessárias para governar um país como o Brasil no contexto dos anos 1960. O redimensionamento da imagem de João Goulart leva em conta um cenário onde a política externa do presidente Kennedy dos EUA foi de franca hostilidade e desestabilização política a seu governo devido ao receio de que o Brasil trilhasse um caminho semelhante ao que aconteceu em Cuba. Goulart era pressionado também à esquerda, na medida que, conforme Reis:

Os movimentos e lideranças partidários das reformas, que haviam originalmente construído sua força na luta pela posse de Jango e, em seguida, pelo restabelecimento dos plenos poderes presidenciais - em outras palavras, na defesa da ordem constituída e da legalidade -, tinham evoluído, progressivamente, para uma linha ofensiva [...]

Assim, enquanto as esquerdas puxavam o presidente para a uma postura mais radical, a classe média cedia ao canto da sereia da desestabilização levada a cabo pelos discursos anticomunistas. Goulart, então, nos termos de Ferreira ("Jango - presidente") passa a ser visto mais como político alçado ao posto de mandatário máximo da república num cenário inadministrável, onde sabemos o que aconteceu, e menos como um pre-

sidente inepto sem qualidades necessárias para administrar o país num cenário turbulento.

Outra estratégia presente no documentário é reforçar e mesmo reinterpretar um argumento já consolidado. Assim, embora os entrevistados reconheçam que a tomada de poder pelos militares foi um golpe, relativizam ou reinterpretam esse fato, pois o filme transmite a ideia segundo a qual: num contexto em que todos conspiravam, o Exército teve sucesso. Essa reinterpretação é oriunda de Olavo de Carvalho, no documentário, na qual afirma que o Golpe foi uma iniciativa individual, até voluntarista, do Gal. Olímpio Mourão Filho que, uma vez deflagrada, não houve como voltar atrás. Embora a narrativa de que Mourão Filho tenha acelerado o andar dos eventos encontre sustentação em Gaspari, não existe sustentação para a afirmação de que todos conspiravam. A radicalização das esquerdas se dava mais num âmbito de pressão pelas Reformas de Base, principalmente da Reforma Agrária, que não passaram no Congresso, e menos na possibilidade de tomada do poder, apesar dos discursos incendiários do deputado Francisco Julião, conforme aponta Tavares. Assim, a única conspiração a qual podemos falar com segurança de que tenha ocorrido é a que deu origem ao Golpe de 1964, o que vai ao encontro das afirmações de Ridenti.

Na sequência do documentário, quando trata das sucessões dos presidentes militares e a implantação dos atos institucionais, não traz nenhuma surpresa, especialmente quando levamos em conta aquilo que já tinha sido apresentado. Nesse momento, a narrativa deu ênfase à violência desencadeada pela resistência armada, sem fazer nenhuma menção à repressão e à censura. Os adeptos da luta armada são descritos como terroristas que torturavam seus companheiros. São utilizados depoimentos de ex-guerrilheiros, que fizeram “mea-culpa” ou simplesmente admitem que participaram da luta armada, Carlos Araújo, Vera Sílvia Magalhães e Fernando Gabeira,²⁰ os dois últimos reconheceram terem lutado pela “ditadura do proletariado”. A menção a Gabeira não é gratuita, pois seu livro, publicado em 1979, “O que é isso companheiro?”, de acordo com Rollemberg é o principal representante entre os escritos de memória de guerrilheiros que trazem a imagem do guerrilheiro arrepen-

20 Carlos Araújo foi militante comunista, guerrilheiro, ex-deputado estadual pelo PDT; Vera Sílvia Magalhães foi economista, socióloga militante da Dissidência Comunista da Guanabara e do MR-8; Fernando Gabeira é jornalista, escritor filiado ao Partido Verde e foi militante do MR-8.

dido, com forte penetração na imprensa, no cinema e na dramaturgia. Sobressai o olhar nostálgico sobre o passado com arrependimento, sob a justificativa da juventude.

Por fim, merece destaque a fala de Rafael Nogueira, que atualmente ocupa a presidência da Fundação Biblioteca Nacional, na qual afirma que a Nova República é extremamente burocrática, mas que isso representa a tentativa de defender seu mito fundador, ou seja, proteger o cidadão contra um ditador. Simultaneamente a esta fala é mostrada uma imagem de Carlos Alberto Brilhante Ustra, o mesmo que na votação da câmara federal aprovando o impeachment da presidente em 2016 teve a memória evocada como “o pavor de Dilma Rousseff”, pelo então deputado Jair Bolsonaro, conforme mostrado por Costa. Talvez esse seja o ápice do documentário, o mesmo Ustra, sabidamente responsável por torturas e estupros, é reconhecido no filme como alguém cuja memória apenas “diverge” da opinião dominante na Nova República. Inclusive, durante uma exibição de *1964 – O Brasil entre armas e livros*, realizada na Assembleia Legislativa de São Paulo, houve um desagravo à sua memória, com gritos do público: “Ustra vive! Fleury²¹ vive!”.

5. Críticas ao documentário

O uso das redes sociais e de plataformas como o Youtube são alguns dos instrumentos atuais de difusão de ideias e conteúdos variados. É possível encontrar quase tudo o que se procura na internet, desde informações confiáveis até as teorias conspiracionistas mais esdrúxulas. Assim, a internet e as redes sociais são uma faca de dois gumes. De um lado, até podem surgir propostas de interpretação de temas e conjunturas que escapam da realidade concreta ou do consenso científico, tal como o terra planismo, a ameaça comunista, ou pequenas deturpações da realidade como alterações dos números de participantes em protesto ou carreatas. Alocadas no mesmo espaço dessas propostas aleatórias, entretanto, podemos encontrar material de qualidade, como críticas e artigos que em outros tempos eram publicados em periódicos especializados.

21 Carlos Alberto Brilhante Ustra foi coronel do Exército brasileira e chefe do DOI-CODI, órgão muito atuante na repressão política; Sérgio Fernando Paranhos Fleury foi delegado do DOPS e acusado pelo Ministério Público de muitas mortes e tortura, morreu antes de ser julgado.

A produtora Brasil Paralelo adotou uma campanha agressiva de marketing de seus produtos, especialmente para o documentário *1964: Brasil entre armas e livros*. A intenção principal não era a rápida divulgação de seu produto, mas visava captar financiadores para seu trabalho. A produção, portanto, pode ser entendida como feita para agradar uma parcela do público das redes sociais e plataformas digitais, que ansiavam por este tipo de conteúdo, que tem por objetivo propor uma nova perspectiva histórica sobre fatos já conhecidos. Esta nova forma de produzir e disponibilizar produtos audiovisuais tornou-se comum a partir das plataformas de streaming, pois como pontua Nichols:

Websites como o Youtube e o Facebook, da mesma forma que a fotografia antes deles, logo merecerão sua própria história e teoria. Por hora, podemos tratar todas estas formas relacionadas de produção, distribuição e exibição como colaboradoras importantes de uma tradição do documentário em desenvolvimento. (20)

No entanto, o mesmo YouTube, no qual os documentários da Brasil Paralelo são postos à disposição do seu público, foi a plataforma onde surgiram algumas críticas imediatamente após a disponibilização do documentário. O crítico de cinema Pablo Villaça e o cineasta Eduardo Escorel fizeram análises acuradas sobre a linguagem cinematográfica da produção, assim como, os professores Clóvis Gruner e Fernando Nicolazzi também produziram reflexões atentas sobre as implicações da peça e da ação da empresa como um todo.

Consideramos necessário dizer que em toda a literatura que consultamos sobre a produção acadêmica com base nas pesquisas referentes à história e cinema, e mais especificamente sobre cinema documentário, se trata de um filme com uma quantidade enorme de erros factuais. Nesse sentido, cabe o questionamento sobre se as informações equivocadas e contrafactuais foram utilizadas de forma proposital enquanto uma maneira a se encaixar numa proposta negacionista da história. Sobre essa questão, Gruner aventa a possibilidade de tantos erros extrapolarem a noção de engano ou desleixo na pesquisa documental e constituírem uma estratégia de distorção dos fatos com objetivo de direcionar a percepção do espectador sobre a obra. Uma lista destes erros se faz necessária, a partir do texto produzido por Eduardo Escorel destacamos alguns:

[...] [omissão a qualquer referência ao papel decisivo da União Soviética, na Segunda Guerra Mundial, para a derrota do nazismo, citando apenas a ‘força imprescindível dos Estados Unidos’ (7min20s);

Na referência à [...] Junta Militar que assume o governo [...] em 31 de agosto de 1969, [...] almirante Augusto Rademaker, o general Aurélio de Lira Tavares e o brigadeiro Márcio de Sousa Melo [...] a imagem correspondente é a da Junta Militar chilena que tomou o poder em 1973, com o general Augusto Pinochet (1h32min04s); [...] após referências a Maio de 68, o narrador diz que: “Na década de 60, a sociedade ocidental passava por uma transformação profunda.” E logo depois: “O fundador do Partido Comunista Italiano passa a escrever os Cadernos do Cárcere, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família” [porém Gramsci morreu em 1937] (1h36min40s). (Scorel)

Gruner aponta outros erros: menção a Caetano Veloso e Gilberto Gil como organizadores dos grandes festivais da Tv Record (quando a organização dos eventos era da alçada da própria emissora de Tv); associação entre Ligas Camponesas e Movimento Sem Terra (MST) sem distinção de contexto; atribuição a Luís Carlos Prestes de fundação do PCB, uma vez que este fundado em março de 1922, e Prestes só se aproximou do comunismo no exílio após o fim da Coluna que data de 1927, entre outros erros históricos arrolados pelo autor. Também foi utilizada uma famosa foto de Sebastião Salgado do Garimpo de Serra Pelada da década de 1980. A imagem foi cropada, cortada e editada, de modo a servir para retratar guerrilheiros contrários à ditadura militar da década anterior! Depois de a falha ter sido explorada na mídia, conforme matéria de Serva, a imagem foi retirada do documentário. Outra imagem explorada com o mesmo tipo de recurso foi uma foto de Dilma Rousseff, depondo em uma auditoria militar, que já circulava editada na internet e que oculta a presença de seus torturadores ao fundo.

Essa quantidade de erros e distorções factuais e imagéticas, a nosso ver, também reforça a análise realizada por Villaça ao considerar a produção da *Brasil Paralelo* como um “documentário” entre aspas, por ter uma concepção estética ultrapassada e graves problemas técnicos como

uma má escolha de lentes em determinadas ocasiões. Já Escorel dá um passo adiante nessa argumentação, inserindo o filme da produtora gaúcha fora do campo de documentário, mas como um panfleto:

O panfleto de Valerim e Ferrugem, conduzido por um narrador, com imagens de arquivo meramente ilustrativas, além de depoimentos, regride dessa maneira um século em termos de linguagem, situando-se fora do campo do documentário, na acepção contemporânea do termo. *Trata-se, na verdade, de uma peça de propaganda política com pretensões didáticas. [...] A intenção dos filmes publicitários ou militantes é persuadir; filmes didáticos, por sua vez, são feitos para ensinar.* 1964: o Brasil entre Armas e Livros pretende atingir os dois objetivos ao mesmo tempo (grifo nosso).

Essa “peça de propaganda”, “panfleto”, teve um número significativo de visualizações, conforme já mencionamos, indicando que é uma tática de difusão de conteúdos políticos válida para os tempos atuais. Essa forma de ocultar o objetivo de um produto audiovisual, através de uma aparência de documentário, quando na verdade é um discurso político, torna-se uma “arma” perigosa, especialmente quando vivemos em tempos de fake news e do uso excessivo da internet para obter informação sobre assuntos variados. As tentativas de interferência na interpretação de fatos históricos, realidades sociais e políticas e afins, do final do século XX e primeiras décadas do XXI, também têm sido interpretadas como instrumentos de manipulação pública, as chamadas “guerras híbridas”²² e do “capitalismo de vigilância”.²³

O tipo de “arma”, documentários/panfletos produzidos para as plataformas digitais, serve como um captador das ansiedades sociais, desavenças políticas, conflitos culturais de uma sociedade, potencializando formas particulares de observar o cotidiano e a dinâmica da realidade. Villaça pontua que a edição do conteúdo através do estilo narrativo, a chamada voz off ou voz de Deus, direciona a todo momento a percepção do espectador para o ponto de vista defendido no filme. A pretensa objetividade, uma vez que os produtores da Brasil Paralelo afirmaram ter feito uma narrativa livre de ideologias, se esvai na medida em que todos os entrevistados corroboram o mesmo posicionamento político e dão mostras

22 Vide Korybko.

23 Vide por Zuboff.

disso em suas falas, ao utilizarem, por exemplo, o termo Revolução em lugar de Golpe para se referirem à tomada do poder em 1964 pelos militares, não existindo, no documentário/panfleto, nenhum contraponto a essa visão (Brasil Paralelo, “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo”).

A trilha sonora é outra forma de direcionamento do espectador, contribuindo para a criação de uma atmosfera tensa, que visa incutir sentimentos de apreensão ou de terror em determinados momentos do filme. Também entra nesse rol a computação gráfica que faz personagens, como Lenin ou Stalin, serem destacados com filtros específicos geralmente vermelhos. Muitas fotos também ganharam tratamento de forma a terem as laterais desfocadas acentuando a atenção do espectador na figura central. Tudo isso em meio à profusão de imagens que, nos minutos iniciais, bombardeiam o espectador de modo a gerar confusão ou então limitar as possibilidades de interpretação por si mesmos daquilo que está sendo mostrado.

Essa edição deliberada do documentário não abrange somente uma questão de interpretação ou análise histórica. A fidelidade ou não aos fatos narrados dizem respeito também a uma questão ética. Para Nichols, o documentário é uma produção fílmica onde o diretor não lida com a interpretação do ator sobre um personagem real, porém com material sobre as próprias pessoas a quem sua obra retrata. O tratamento que o diretor dá então a esse material é que deve ser encarado numa perspectiva ética, como por exemplo, não tratar a imagem das figuras representadas de forma que as ridicularize, ou o que é ainda mais comum nessa produção da empresa gaúcha, deslocar o sentido das ações dos personagens de forma que se adequem à visão de mundo proposta pelo filme. Tudo isso é combinado com os depoimentos dos “intelectuais” e recombinado com a narrativa da voz off num processo que Escorel sintetiza da seguinte forma:

[...] a manipulação dos depoimentos feita em 1964: O Brasil entre Armas e Livros é gritante. A técnica serve para atender à orientação editorial dos realizadores – separam-se trechos, alguns com cerca de dez segundos, outros mais longos. Em seguida, palavras, frases ou enunciados são combinados. O resultado é um novo discurso, cuja fidelidade ao pensamento de cada um dos entrevista-

dos pode ser relativa, mesmo no caso daqueles mais alinhados ao projeto. Por vaidade ou convicção, todos aceitam se transformar em joguetes nas mãos de quem decide o que deve ser aproveitado ou descartado.

As críticas apresentadas acima, se coadunam muito bem com a tonalidade propagandística e didática e são percebidas por Gruner como elementos estratégicos que podem ter beneficiado o filme. No contexto de um país cuja população tem uma cultura cinematográfica pouco desenvolvida, um formato estético mais arrojado poderia mais repelir o público ao qual a empresa destina seus produtos. É um contraste interessante, para não dizer estranho, que um país cujos documentaristas são conhecidos mundo afora por aprimorar a linguagem do gênero tenha como filme popular um com tamanha quantidade de defeitos e considerado como panfleto. Assim, erros factuais, ou distorções propositais, associados aos problemas e/ou opções de ordem ética, acabam por desnudar algumas características essenciais para a compreensão de 1964 – *O Brasil entre armas e livros*, e por tabela das demais produções da produtora Brasil Paralelo.

6. CONCLUSÃO

Importante ressaltar em nossas conclusões que a motivação por trás do documentário está em mostrar ao público que a iniciativa dos militares brasileiros em dar um golpe em 1964 foi motivada pela incipiente revolução comunista que estaria em curso no país. O documentário traz uma “revolução” comunista impedida pelo quarto poder, o Exército, que é necessariamente fruto de pensamento contrafactual, especulação, que aparece em alguns momentos da peça. Portanto, o que justificaria toda a ação política dos militares e os vinte e um anos subsequentes de ditadura, foi culpa das atividades comunistas no Brasil. Os argumentos utilizados na narrativa para fazer crer que uma revolução estava em curso não tem sustentação. Essa história produzida pela Brasil Paralelo tem por base o mecanismo de trazer à tela apenas os elementos do passado que corroboram sua visão dos acontecimentos. Aqueles que chegaram ao poder depois da saída do Exército, segundo o documentário, se apossaram do Estado corroendo as bases civilizacionais do país, ou seja: a religião,



com tradição judaico-cristã, o direito romano e a democracia grega. A objetividade a que os diretores reivindicam, para o filme, não se confirma em hipótese alguma, particularmente ao se proporem trazer mais informações e conteúdos e, assim, complexificar o entendimento sobre o golpe, mas o que fizeram foi omitir ou ocultar fatos comprovados que não corroboram sua perspectiva.

Referências Bibliográficas

- Azevedo, Reinaldo. “O que a foto de Dilma sugere, revela e esconde?” *Veja*, 4 de dezembro de 2011, <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-que-a-foto-de-dilma-sugere-revela-e-esconde/>.
- Bandeira, Luiz Alberto Moniz. *Brasil-Estados Unidos: A Rivalidade emergente*. Civilização Brasileira, 2013.
- . “O Governo João Goulart - As lutas sociais no Brasil 1961-1964”. 8a ed. Editora Unesp, 2010.
- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edições 70, 2011.
- Brasil Paralelo*. 2021, YouTube, <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>.
- . 2020, YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=ZRmoSLUEJ38>.
- . “Entrevista com jornalista da Folha de São Paulo. *Brasil Paralelo*”. YouTube, 06 de fevereiro, de 2019, <https://youtu.be/p265bGtPv-4>.
- . “1964 - O Brasil entre armas e livros” YouTube, <https://youtu.be/yTenWQHRPIg>.
- Capelato, Maria Helena Rolim. “História do Brasil e revisões historiográficas”. *Anos 90*, vol. 23, no. 43, 2016, pp. 21-37. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.63852>.
- Cassiano, Célia Figueiredo. *O mercado do Livro didático no Brasil do Século XXI: a entrada do capital espanhol na educação nacional*. Editora Unesp, 2014.
- Costa, Petra. *Democracia em vertigem*. Produção: Joanna Natasegara, Shane Boris, Tiago Pavan. Distribuição: Netflix, 2019.

- Delgado, Lucilia. "O governo João Goulart e o Golpe de 1964: memória, história e historiografia". *Tempo*, vol. 14, no. 28, 2010, pp. 123-143. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-77042010000100006>.
- Dória Paulo, Diego Martins. "Os mitos da Brasil Paralelo". *Le monde diplomatique Brasil*, 18 de maio de 2020, <https://outraspalavras.net/outrasmidias/brasil-paralelo-a-maquina-do-neofascismo-cultural/>.
- Escorel, Eduardo. "A direita na tela: notas sobre um panfleto audiovisual que revê 1964". *Piauí*, maio de 2019, <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/direita-na-tela/>.
- Fausto, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2a. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- Ferreira, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Civilização Brasileira, 2015.
- . "Jango – presidente". *História da ditadura*, 24 de abril de 2018, <https://youtu.be/GqXyl8aaeWY>.
- Fico, Carlos. "Ditadura Militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas". *Revista Tempo e argumento*, vol. 9, no. 20, 2017, pp. 05-74. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175180309202017005>.
- . *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Record, 2004.
- Folha de São Paulo. "Limites à Chaves". *Folha de São Paulo*, 17 de fevereiro de 2009, <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1702200901.htm>.
- Fontenelle, Paulo Henrique. *Dossiê Jango*. Produtor, Instituto João Goulart/Canal Brasil, 05 de julho de 2013.
- Gaspari, Elio. *As ilusões armadas*. Companhia das Letras, 2003.
- Gruner, Clóvis. "Revisionismo e negacionismo: o passado como território de conflitos". *YouTube*, 9 de abril de 2020, <https://youtu.be/oMl-JEquAXw8>.
- Kamel, Ali; Mário Furley Schmidt e Luis Nassif. "A Polêmica sobre a Nova História". *Observatório da Imprensa*, 25 de setembro de 2007, <http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/a-polemica-sobre-a-nova-historia/>.

- Kanner, Gabriel. "Parceria entre Brasil Paralelo e G10 Favelas une propósitos e desperta esperança". *Folha de São Paulo*, 13 de outubro de 2021, <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/10/parceria-entre-brasil-paralelo-e-g10-favelas-une-propositos-e-desperta-esperanca.shtml>.
- Korybko, Andrew. *Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Expressão Popular, 2018.
- Kraenski, Mauro, e Vladimir Petrilák. *1964: o elo perdido: o Brasil nos arquivos do Serviço Secreto Comunista*. Vide Editorial, 2017.
- Morettin, Eduardo Victorio, et al. "Documentário de Intervenção: estratégias discursivas de combate e memórias sobre o regime militar". *Ditaduras Revisitadas: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais*, editora Denize Araújo, et al., CIAC/Universidade do Algarve, 2016. pp. 735-759
- Motta, Rodrigo Patto Sá. História, Memória e as disputas pela representação do passado recente. *Patrimônio e Memória*, vol. 9, no. 1, 2013, pp. 56-70.
- . *As universidades e o regime militar. Cultura política brasileira e modernização autoritária*. Zahar, 2014.
- Nagle, Leda. "Os três jovens que fizeram '1964 entre armas e livros'". YouTube, 24 de abril, 2019, <https://youtu.be/B1rscdqUtd8>.
- Napolitano, Marcos. "O Brasil na Guerra Fria Global (anos 1950 e 1960)". V Encontros Históricos". PPGH, UFG (YouTube), 28 de abril de 2021, <https://youtu.be/nFg3nYcf3WQ>.
- . "Desafios para a história nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus". *História: Questões & Debates*, vol. 68, no. 01, 2020, pp. 18-56. DOI: <https://doi.org/10.5380/his.v68i1.67794>
- . "Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro". *Antíteses*, v. 8. no. 15, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2015v8n15espp9>
- . "Nunca é cedo para se fazer história: o documentário Jango, de Sílvio Tandler (1984)". *História e Documentário*, compiladores Eduardo Morettin, et al., Editora FGV, 2012.

- . “O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro: apontamentos para uma revisão historiográfica”. *Contemporanea - História y problemas del siglo XX*, vol. 2, 2011, pp. 208-217.
- . “Historiografia, memória e história do regime militar brasileiro”. *Revista de Sociologia Política*, no. 23, 2004, pp. 193-196. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-44782004000200021>
- Narloch, Leandro. *Guia politicamente incorreto da história do Brasil*. Leya, 2011.
- Nichols, Bill. *Introdução ao Documentário*. Papirus, 2016.
- Nicolazzi, Fernando. “O Brasil Paralelo produz História?”. YouTube, 2019, <https://youtu.be/R71LxS5FhD8>.
- Nora, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. *Projeto história*, vol. 10, 1993, pp. 07-28.
- Quadrat, Samanta Viz. “Usos do passado: a memória da ditadura e a democracia no Brasil.” *XX Semana de História: História Pública e ameaças à democracia*. PPGH-UFG YouTube, 2021, https://www.youtube.com/live/2jWHMr8y_u4?feature=share.
- Rádio Jovem Pan. “Brasil Paralelo 1964: O Brasil entre armas e livros”. *Pânico*, 01 de abril de 2019, <https://youtu.be/PNyPESo6HvI>. Pp.
- Ridenti, Marcelo. *A ditadura que mudou o Brasil*. Univesptv/YouTube, 25 de março de 2014, https://youtu.be/_2_eN2du05g.
- Reis, Daniel Aarão. *Ditadura militar, e Esquerdas e sociedade*. Zahar editora, 2005.
- Rocha, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e a retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Caminhos, 2021.
- . “Conversas: João Cezar de Castro Rocha e o mundo que o bolsonarismo criou”. *Youtube*, 2020, <https://youtu.be/mKkbsFNUDXy>.
- Rolleberg, Denise. “Esquecimento das memórias”. *O golpe de 1964 e o regime militar*. Compilador João Roberto Martins Filho, Ed. UFSCar, 2006.
- Serva, Leão. “Filme ‘1964’ faz uso indevido de foto de Sebastião Salgado”. *Folha de São Paulo*, 7 de maio de 2019, <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/filme-1964-faz-uso-indevido-de-foto-de-sebastiao-salgado.shtml>.
- Schmidt, Mario Furley. *Nova História Crítica*. Nova Geração, 2002.



- Tauil, Daniel Calixto. “Nazismo é de esquerda ou de direita: desinformação marca debate que dominou as redes sociais”. *Record News*, 17 de agosto de 2017, <https://youtu.be/jujWDUnvOoI>.
- Tavares, Flávio. *O Golpe*. L & PM, 2014.
- Traverso, Enzo. *O passado, modos de usar: História, Memória e política*. Edições Unipop, 2012.
- Villa, Marco Antônio. *Ditadura à Brasileira - 1964-1985 A Democracia Golpeada à Esquerda e à Direita*. Leya, 2014.
- Villaça, Pablo. “1964: Brasil – Entre Armas e Livros – Comentários”. *YouTube*, 2019, <https://youtu.be/T8GRqNZDogc>.
- Toledo, Caio Navarro de. “1964: golpismo e democracia: as falácias do revisionismo”. *Crítica Marxista*, no. 19, 2004, pp, 27-48.
- . *O governo João Goulart e o golpe de 1964*. Editora Brasiliense, 1982.
- Ustra, Carlos Alberto Brilhante. *A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*. Editora Ser, 2007.
- Zuboff, Shoshana. “Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação”. *Tecnopolíticas da vigilância; perspectivas da imagem*, compiladores Fernanda Bruno et al., Boitempo, 2018.